

# nova antologia pessoal

jorge luis borges

tradução

davi arrigucci jr.

heloisa jahn

josely vianna baptista



copyright © 1995, 2008 by maría kodama  
todos os direitos reservados

grafta atualizada segundo o acordo ortográfico da língua portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no brasil em 2009.

título original

nueva antología personal

capa e projeto gráfico

warrakloureiro

foto página 1

© ferdinando scianna / magnum photos/latinstock

revisão

jane pessoa

ana maria barbosa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas  
no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos,  
e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Borges, Jorge Luis, 1899-1986.

Nova antologia pessoal / Jorge Luis Borges; tradução Davi  
Arrigucci Jr., Heloísa Jahn, Josely Viana Baptista. —  
São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Nueva antología personal.

ISBN 978-85-359-2242-4

1. Poesia argentina 1. Título.

13-02723

CDD-ar861

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura argentina ar861

[2013]

todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

telefone: (11) 3707-3500

fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

prólogo 11

## poesia

- a noite em que no sul o velaram 15  
fundação mítica de buenos aires 17  
xadrez 19  
o relógio de areia 21  
alusão à morte do coronel francisco borges (1835-74) 24  
junín 25  
o mar 26  
o labirinto 27  
labirinto 28  
a um poeta saxão 29  
jonathan edwards (1703-1758) 31  
emerson 32  
um soldado de lee (1862) 33  
camden, 1892 34  
paris, 1856 35  
o golem 36  
espinosa 40  
limites 41  
outro poema dos dons 43  
o instante 46

édipo e o enigma 47  
adrogué 48  
o forasteiro 51  
everness 53  
ewigkeit 54  
as coisas 55  
adam cast forth 56  
a uma moeda 57  
new england, 1967 58  
james joyce 59  
heráclito 60  
milonga de dois irmãos 62  
milonga de jacinto chiclana 64  
os compadritos mortos 67

## prosas

a testemunha 71  
uma rosa amarela 73  
o punhal 75  
episódio do inimigo 77  
o cativo 79  
a leopoldo lugones 81  
the unending gift 83

## relatos

a aproximação a almotásim 87  
tlön, uqbar, orbis tertius 95

- emma zunz 116  
o jardim de veredas que se bifurcam 123  
tema do traidor e do herói 137  
o imortal 142  
o fim 161  
a outra morte 165  
homem da esquina rosada 174  
a intrusa 184

## ensaios

- a esfera de pascal 193  
a flor de coleridge 198  
o sonho de coleridge 203  
nathaniel hawthorne 209  
a muralha e os livros 234  
sobre oscar wilde 238  
sobre chesterton 242  
o espelho dos enigmas 247  
a escrita do deus 252  
das alegorias aos romances 259  
as *kenningar* 264  
sobre os clássicos 272

## poemas em espanhol

- la noche que en el sur lo velaron 279  
fundación mítica de buenos aires 281  
ajedrez 283

- el reloj de arena 285  
alusión a la muerte del coronel francisco borges (1835-74) 288  
junín 289  
el mar 290  
el laberinto 291  
laberinto 292  
a un poeta sajón 293  
jonathan edwards (1703-1758) 295  
emerson 296  
un soldado de lee (1862) 297  
camden, 1892 298  
parís, 1856 299  
el golem 300  
spinoza 304  
límites 305  
otro poema de los dones 307  
el instante 310  
edipo y el enigma 311  
adrogué 312  
el forastero 315  
everness 317  
ewigkeit 318  
las cosas 319  
adam cast forth 320  
a una moeda 321  
new england, 1967 323  
james joyce 322  
heráclito 324  
milonga de dos hermanos 326  
milonga de jacinto chiclana 328  
los compadritos muertos 331

a noite em que no sul o velaram

*para Letizia Álvarez de Toledo*

Pelo passamento de alguém  
— mistério cujo desconhecido nome possuo e cuja realidade  
não abarcamos —  
há até o alvorecer uma casa aberta no Sul,  
uma casa ignorada que não estou destinado a rever,  
mas que me espera esta noite  
com tresnoitada luz nas altas horas do sono,  
consumida por noites em claro, diferente,  
minuciosa de realidade.

Para sua vigília que gravita em morte caminho  
por ruas elementares como lembranças,  
pelo tempo exuberante da noite,  
sem outra vida audível  
que não os vadíos do bairro junto ao armazém apagado  
e algum assovio perdido no mundo.

O andar lento, na posse da espera,  
chego à quadra e à casa e à singela porta que busco  
e me recebem homens constrangidos à seriedade  
que viveram na época de meus antepassados,

e nivelamos destinos no aposento arrumado que dá para  
o pátio  
— pátio que está sob o poder e na integridade  
da noite —  
e dizemos, porque a realidade é maior, coisas indiferentes  
e somos apáticos e argentinos no espelho  
e o mate compartilhado mede horas vãs.

Comovem-me as miúdas sabedorias  
que em todo falecimento se perdem  
— hábito de alguns livros, de uma chave, de um corpo  
entre os outros —  
Eu sei que todo privilégio, embora obscuro, é da linhagem  
do milagre  
e é grande o de participar desta vigília,  
reunida ao redor do que não se sabe: do Morto,  
reunida para acompanhar e guardar sua primeira noite  
na morte.

(O velório gasta os rostos;  
nossos olhos estão morrendo no alto como Jesus.)

E o morto, o incrível?  
Sua realidade está sob as flores diferentes dele  
e sua mortal hospitalidade vai nos dar  
uma lembrança a mais para o tempo  
e sentenciosas ruas do Sul para merecê-las devagar  
e brisa obscura sobre a fronte que se volta  
e a noite que nos livra da maior angústia:  
a prolixidade do real.

## fundação mítica de buenos aires

E foi por esse rio de modorra e de barro  
que as proas vieram fundar minha pátria?  
Deviam ir aos trancos os barquinhos pintados  
por entre os aguapés de sua corrente zaina.

Pensando bem na coisa, vamos supor que o rio  
fosse então azulado, como oriundo do céu  
com sua estrelinha rubra para marcar o ponto  
em que Juan Díaz jejuou e os índios comeram.

O certo é que mil homens e outros mil chegaram  
por um mar com a largura de umas cinco luas  
e ainda povoado de sereias e endríagos  
e dessas pedras-ímãs que enlouquecem a bússola.

Fincaram alguns ranchos trêmulos na costa,  
dormiram assombrados. Isso — dizem — foi no Riachuelo,  
mas é um desses embustes que se forjam na Boca.  
Foi numa quadra inteira e em meu bairro: Palermo.

Uma quadra inteira, mas do lado do campo  
exposto às madrugadas e chuvas e suestadas.  
Essa quadra parelha que persiste em meu bairro:  
Guatemala, Serrano, Paraguay, Gurruchaga.

Um armazém rosado como o verso de um naipe  
brilhou e em seus fundos conversaram um truco;  
o armazém rosado floresceu num compadre,  
dono da esquina agora, já ressentido e duro.

O primeiro realejo surgia no horizonte  
com seu porte queixoso, a habanera e o gringo.  
Na certa o barracão já falava de YRIGOYEN,  
um piano mandava tangos de Saborido.

Uma tabacaria incensou como uma rosa  
o deserto. A tarde mergulhara em ontens,  
os homens partilharam um passado ilusório.  
Só faltou uma coisa: a calçada defronte.

Parece-me história o começo de Buenos Aires:  
julgo-a tão eterna como a água e o ar.

# xadrez

I

Em seu austero canto, os jogadores  
regem as lentas peças. O tabuleiro  
prende-os até a alva no severo  
espaço em que se odeiam duas cores.

Dentro irradiam mágicos rigores  
as formas: torre homérica, ligeiro  
cavalo, armada rainha, rei postreiro,  
oblíquo bispo e peões agressores.

Quando os jogadores tiverem ido,  
quando o tempo os tiver consumido,  
certamente não terá cessado o rito.

No oriente acendeu-se essa guerra  
cujo anfiteatro é hoje toda a Terra.  
Como o outro, esse jogo é infinito.

Tênuo rei, oblíquo bispo, encarniçada  
rainha, peão ladino e torre a prumo  
sobre o preto e o branco de seu rumo  
buscam e travam sua batalha armada.

Não sabem que a mão assinalada  
do jogador governa seu destino,  
não sabem que um rigor adamantino  
sujeita seu arbítrio e sua jornada.

Também o jogador é prisioneiro  
(a máxima é de Omar) de um tabuleiro  
de negras noites e de brancos dias.

Deus move o jogador, e este, a peça.  
Que deus detrás de Deus o ardil começa  
de pó e tempo e sonho e agonias?

## o relógio de areia

Está certo que se meça com a dura.  
sombra que uma coluna no estio  
estende ou com a água desse rio  
em que Heráclito viu nossa loucura.

O tempo, já que ao tempo e à sorte  
se parecem os dois: a imponderável  
sombra diurna e o curso irrevogável  
da água que prossegue no seu norte.

Está certo, mas o tempo nos desertos  
outra substância achou, suave e pesada,  
que parece ter sido imaginada  
para medir o tempo dos mortos.

Surge assim o alegórico instrumento  
das gravuras que estão nos dicionários,  
a peça que os grises antiquários  
relevarão a esse mundo cinzento

do bispo sem seu par, ou o da espada  
inerme, do apagado telescópio,  
do sândalo mordido pelo ópio,  
do próprio pó, do acaso e do nada.

Quem não se demorou perante o ríspido  
e tétrico instrumento que acompanha  
na destra mão do deus uma gadanha,  
e de que o traço foi por Dürer repetido?

Pelo ápice aberto o cone inverso  
deixa cair a cautelosa areia,  
ouro gradual que se solta e recheia  
o côncavo cristal, seu universo.

É agradável observar a arcana  
areia que desliza e que declina  
e, prestes a cair, se recombina  
com uma pressa inteiramente humana.

A areia dos ciclos é imutável,  
a história da areia é infinita;  
assim, em tua ventura ou tua desdita,  
se abisma a eternidade invulnerável.

Não se detém jamais essa caída.  
Eu me dessangro, não o vidro. O rito  
de decantar a areia é infinito  
e com a areia vai-se nossa vida.

Nos minutos da areia o tempo cósmico  
acredito sentir: aquela história  
que guarda em seus espelhos a memória  
ou a que dissolveu o Letes mágico.

O pilar de fumaça e o que fumega,  
Cartago e Roma e a perigosa guerra,  
Simão, o Mago, os sete pés de terra  
que o rei saxão oferta ao da Noruega,

a tudo arrasta e perde esse infalível  
fio sutil de areia numerosa.  
Não vou salvar-me eu, fortuita coisa  
de tempo, que é matéria perecível.